

# Lenin e a Internacional

Marcos Del Roio

**Como citar:** ROIO, M. D. Lenin e a Internacional. *In* : DEO, A.; MAZZEO, A. C.; ROIO, M. D. (org.). **Lenin** : teoria e prática revolucionária. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.105-127. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-680-0.p105-127>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# LENIN E A INTERNACIONAL

*Marcos Del Roio*

## 1 INTRODUÇÃO

O verão europeu de 1914 foi momento de uma grande virada histórica. A eclosão da guerra não foi precisamente uma surpresa, mas o efeito em cadeia que envolveu praticamente toda a Europa, os Países imperialistas e suas respectivas zonas coloniais, foi algo sem precedentes. Pela primeira vez as nações imperialistas capitalistas com grau significativo de industrialização e de poder bélico até então inigualável se confrontavam em campo de batalha amplo e múltiplo. Milhões de homens se mobilizaram para a guerra, quase todos insuflados pelo discurso que expressava sólida concentração de hegemonia burguesa frente o risco crescente e quase iminente que o movimento operário socialista representava para o capital e o poder político concentrado nos Estados imperiais em disputa pelo predomínio.

A Internacional Socialista, fundada em julho de 1889, colocara no centro de suas preocupações a luta pela Paz, assim como pela democracia e pelo socialismo. A convicção era que a preservação da Paz entre os Estados contribuía na luta pela democracia, a qual, por sua vez, apontava para a realização do socialismo. No entanto, a Internacional concentrou

todas as suas forças na estratégia da manutenção da Paz o que facilitou a subsunção do partido operário a hegemonia burguesa que se consolidava, o que incluía a “nacionalização” da classe operária.

Certo que Engels havia previsto que a guerra era um risco altíssimo diante da presença de exércitos sempre maiores e de maior capacidade bélica, o que implicava que a estratégia socialista fundada na luta pela Paz e no cerco do poder burguês não poderia se abster de contemplar a possibilidade da guerra e as condições que se abririam para a luta revolucionária. Da mesma maneira, Engels havia antecipado que as contradições que se avolumavam no império russo tornavam inevitável uma eclosão revolucionária democrática. A revolução democrática burguesa de 1905, na Rússia, na sequência da guerra nipo-russa, ainda que tenha sido principalmente uma revolução “nacional”, provocou um deslocamento de forças em toda a região periférica, da Turquia ao Japão e a indústria bélica se fortaleceu nos Estados imperialistas.

O debate sobre a questão da guerra e do imperialismo ganhou impulso depois de 1907, no congresso de Estocolmo, mas a Internacional Socialista jamais conseguiu resolver a complexa equação, que envolvia a questão nacional, da guerra, do imperialismo, da revolução. Havia divergências fundas dentro dos partidos nacionais e, em ocasiões diferentes, entre os partidos. O SPD – Partido Socialdemocrata da Alemanha acentuou o preconceito antirusso e acelerou a sua crescente submissão à ideologia nacionalista, que se desdobrava no apoio ao imperialismo. Assim, a postura da socialdemocracia alemã frente uma eventual guerra já estava virtualmente dada. Note-se que a IS acabava também se dividindo entre os que seguiam as posições majoritárias da SPD, como os holandeses e os escandinavos, e os que seguiam o partido francês, como os ingleses, italianos, balcânicos, poloneses e russos (REBERIOUX, 1979).

Essa política encontrava-se respaldada na leitura que se fazia do desenvolvimento capitalista e do imperialismo. Hilferding, no seu *O capital financeiro* (1910), entendia que o capitalismo se endereçava para formas mais organizadas que abriria caminho para uma sorte de socialismo de Estado e que a guerra seria evitável. Para Kautsky a previsão era de que a formação de grandes corporações monopolistas em concorrência no mercado mundial gestaria o supra imperialismo, deduzindo disso que a guerra

não seria do interesse da burguesia, mas sim de camadas sociais agrárias, herdeiras do feudalismo. Isso justificaria alianças com frações burguesas e a aposta na democratização do Estado.

As vertentes de esquerda da socialdemocracia tinham uma leitura bastante diferente da realidade. Guardadas as importantes diferenças existentes, a concepção era que o desenvolvimento do capitalismo levava ao imperialismo e a guerra, de modo que a luta contra esses fenômenos coincidiam com a luta pela revolução socialista. Nessa leitura, na qual se destacou a obra de Rosa Luksenburg, *A acumulação do capital* (1913), a eclosão da guerra deveria ter como resposta a greve política de massas e a insurreição armada contra o Estado. Pouca ou nenhuma importância teve o fato de a posição da esquerda ter sido vencedora em certas ocasiões, como no encontro de Basileia em 1912, pois, em julho de 1914, o levantamento da bandeira da Pátria em perigo e a mobilização total para a guerra significou a mais grave derrota do movimento operário socialista desde o massacre da Comuna de Paris. Agora seriam milhões de proletários a morrer pela Pátria que só lhes oferecia miséria e exploração do trabalho.

O movimento dos trabalhadores voltava a ganhar força pelo menos desde 1912, mas também as sementes da guerra, em contraposição, já estavam plantadas e frutificando nos Balcãs, na Líbia, no Marrocos. Contudo para as classes dominantes e para as instituições operárias que haviam fincado raízes na ordem burguesa, o principal era frear a revolução. A guerra levou a imensa maioria das classes dirigentes, da intelectualidade reacionária e mesmo liberal-democrata a urros de excitação, deixando impressionados os dirigentes socialistas. Foram poucos aqueles que viram na guerra aquilo que efetivamente era: a barbárie, a contraparte da civilização burguesa. Certo que Lenin foi aquele que melhor viu o que ocorria, o que melhor interpretou e antecipou os acontecimentos, mesmo que em posição de quase isolamento (HAUPT, 1978).

## **2 ISOLAMENTO E PERSISTÊNCIA.**

O impacto moral e político que o desencadeamento da guerra generalizada e a capitulação praticamente sem resistência da Internacional Socialista -- em particular do SPD -- alcançou Lenin de maneira muito

forte. Entre aqueles poucos socialistas marxistas que se opuseram a guerra desde o primeiro dia, Lenin foi quem rapidamente percebeu que a guerra trazia como implicação uma mudança estratégica e a atualidade da revolução socialista internacional.

Em artigo escrito em outubro e publicado em 1 de novembro de 1914, Lenin afirmava com convicção que

o único conteúdo real, o significado e o sentido da guerra presente é anexar terras e subjugar outras nações, arruinar a nação concorrente, saquear suas riquezas, desviar a atenção das massas trabalhadoras das crises políticas internas de Rússia, Alemanha, Inglaterra e demais países, desunir e confundir os operários com propaganda nacionalista e exterminar a sua vanguarda para debilitar o movimento revolucionário do proletariado. (LENIN, 1976a, t. V, p. 161).

Lenin já tinha então clareza sobre o que deveria ser feito para barrar a guerra, que opunha fulcralmente a burguesia germânica à coligação burguesa anglo-francesa. Para ele, de fato, deveria ser travada “a única guerra verdadeiramente emancipadora, quer dizer, a guerra civil contra a burguesia, tanto de seu “próprio” país, quanto dos países “alheios” [...]”. (LENIN, 1976a, t. V, p. 162-163).

Entretanto, notava Lenin, a socialdemocracia deixava de lado a perspectiva socialista e assumia o nacionalismo burguês como sua ideologia e como prática política. Essa postura oportunista era secundada pela corrente “pacifista”, que contribuía para encobrir a bancarrota da Internacional. “Ao contrario – dizia Lenin –, é preciso reconhecer abertamente essa bancarrota e compreender suas causas para poder criar um novo agrupamento socialista, mais sólido, dos operários de todos os países” (LENIN, 1976a, t. V, p. 165).

Percebe-se então que Lenin, sob o impacto da “traição” da Internacional Socialista, em primeiro lugar do SPD, o partido referencial do movimento dos trabalhadores, desde logo se endereça para a construção de uma nova Internacional, cujo passo inicial é a ruptura completa com o oportunismo. Entrava na ordem do dia a revolução socialista internacional e

Que os oportunistas “conservem” as organizações legais ao custo da traição de suas convicções; os socialdemocratas revolucionários utilizarão os

hábitos de organização e os vínculos da classe operária para criar formas ilegais de luta - em consonância com a época de crise – pelo socialismo e unir estreitamente os operários de todos os países e não com a burguesia chovinista de seu próprio país. A Internacional proletária não pereceu e nem perecerá. As massas operárias criarão a nova Internacional por cima de todos os obstáculos. (LENIN, 1976a, t. V, p. 168).

### Contudo,

na Rússia, devido o maior atraso do país, que não levou ainda a cabo a sua revolução burguesa, as tarefas da socialdemocracia devem ser ainda os três requisitos fundamentais da transformação democrática consecutiva: república democrática (com plena igualdade de direitos e autodeterminação de todas as nações), confisco das terras dos latifundiários e jornada de oito horas. (LENIN, 1976a, t. V, p. 167).

A mudança estratégica estava dada: a revolução democrática na Rússia estaria agora acoplada à revolução socialista no Ocidente e a organização de uma nova Internacional seria um passo indispensável. Ocorre que Lenin era voz praticamente isolada, que tinha alguma repercussão apenas entre os próprios bolcheviques. A conclamação pela cisão não convencia os largos e incertos setores de “centro” da Internacional Socialista.

Em resposta a um artigo de Kautsky, no *Neue Zeit*, de outubro de 1914, Lenin escreve e publica em dezembro, um pequeno comentário no qual compara o que o mesmo autor havia escrito em 1909, no livro *O caminho do poder* com o texto de agora, já com a guerra em andamento, para mostrar a capitulação política e ideológica do mais respeitado teórico da Internacional Socialista. Kautsky é, no entanto, apenas um exemplo, o principal, mas longe de ser o único. Toda uma geração de dirigentes socialdemocratas, que ao fim expressavam a vontade de suas bases sociais e políticas, havia capitulado frente à guerra, havia seguido a ideologia burguesa do nacionalismo extremado.

Nesse texto, *Chauvinismo morto e Socialismo vivo (como reconstituir a Internacional)*, se pergunta do por que teria isso acontecido, como do ponto de vista social histórico se poderia explicar esse acontecimento decisivo. A primeira hipótese é que o período de paz internacional e de

legalidade política teria condicionado o movimento operário e a social-democracia a lutar unicamente nessas condições, nesse terreno, que seria aquele mais fértil para originar o oportunismo. Diz Lenin:

Mas os decênios da época “pacífica” não passaram sem deixar marcas: criaram de maneira inelutável o oportunismo em todos os países, assegurando-lhe o predomínio entre os “chefes” parlamentares, sindicais, jornalistas, etc. (LENIN, 1976b, t. V, p. 210).

Mesmo assim, segundo Lenin, a Internacional cumpriu o seu papel histórico de contribuir pra a organização da classe operária e para a difusão do marxismo, mas agora, por conta da guerra, pode ser considerada morta. A guerra mostrou como no involucro da Internacional Socialista havia diferentes vertentes teóricas, diferentes interesses. Esse era um elemento positivo em perspectiva histórica, apesar do impacto moral que produzia a participação na guerra da fração majoritária da socialdemocracia. Mas, por ora, no pensamento de Lenin, a Internacional sobrevivia e deveria ser reconstituída nos termos da luta contra a guerra e pela revolução. De fato,

a Internacional consiste na aproximação mútua (primeiro ideológica e depois, a seu tempo, orgânica) de homens capazes de defender de verdade em nossos difíceis dias o internacionalismo socialista, quer dizer, de agrupar suas forças e “disparar de volta” contra os governos e as classes dirigentes de suas “pátrias” respectivas”. (LENIN, 1976b, t. V, p. 211).

Lenin indica a necessidade da cisão com os socialchovinistas e seus defensores de maneira suave, acentuando a necessidade de se fazer o trabalho de reconstituição da Internacional apenas com quem esteja disposto (o que não seria o caso daquela citada maioria socialdemocrata). A cisão com os socialchovinistas é condição para que a vertente vacilante, atordoada, pacifista possa ainda fazer parte da Internacional reconstituída.

Meses depois, entre maio e junho de 1915, Lenin escreve um texto mais organizado e sistematizado sobre o mesmo tema, *A bancarrota da II Internacional*, com aprofundamento de teses antes apenas esboçadas. Esse texto teria seguramente como objetivo, entre outros, o de angariar apoio para o projeto de fundação de uma nova Internacional, agora com uma posição mais clara sobre a questão.

Lenin denuncia mais uma vez a “traição” dos grupos dirigentes dos partidos operários, que, em sua maioria decidiram pelo apoio a burguesia, ao governo e ao comando militar de seus respectivos países, em contra as resoluções tomadas no Congresso da Internacional realizado em Basileia (Suíça), em 1912. Esse Congresso havia definido que frente a guerras de caráter imperialista a Internacional confrontaria com a mobilização, a sabotagem, a revolução, pois que uma situação revolucionária seria criada. O argumento da maioria que optou por apoiar a burguesia era que as condições concretas em que a guerra surgiu a revolução como resposta era impossível. Pode-se dizer que o reconhecimento da derrota, seguida de capitulação, não poderia ser mais clara.

A resposta de Lenin, sempre orientada pelo horizonte da revolução, entende que essa só pode ocorrer a partir de uma situação revolucionária, mas que não é uma decorrência necessária. Ou seja, é muito difícil a ocorrência de uma revolução. De fato, a situação revolucionária pode ser identificada quando a classe dominante não pode mais manter o seu poder sem que faça alterações na forma do domínio; quando ocorre um agravamento das dificuldades das condições de vida das massas; um aumento significativo na mobilização das massas (LENIN, 1976c, p. 226). Mas para que a revolução ocorra é necessário ainda observar “a capacidade da classe revolucionária de levar a cabo ações revolucionárias de massa suficientemente fortes para romper (ou quebrar) o velho governo, que nunca, nem mesmo em épocas de crise “cairá” se não se lhe “fizer cair”” (LENIN, 1976c, p. 227).

Para Lenin, há uma situação revolucionária produzida exatamente pela guerra, mas não se sabe até quando essa situação poderá perdurar, pois a burguesia pode reverter a situação. A revolução pode acontecer, mas “a resposta só poderá nos oferecer a experiência do desenvolvimento do estado de animo revolucionário da classe avançada, do proletariado, e de sua passagem para ações revolucionárias” (LENIN, 1976c, p. 229). Assim, ao militante socialista cabe a missão de

revelar às massas a existência de uma situação revolucionária, de explicar a sua amplitude e a sua profundidade, de despertar a consciência revolucionária e a decisão revolucionária do proletariado, de ajuda-lo a passar para as ações revolucionárias e a criar organizações que correspondam à situação revolucionária e que sirvam para trabalhar nesse sentido. (LENIN, 1976c, p. 229).

Na avaliação de Lenin, então, a guerra desencadeava uma situação revolucionária e a bancarrota da Internacional era apenas o sinal de que essa havia cumprido a sua missão histórica e que uma nova era agora tinha início, a qual exigia um novo operador político. A explicação científica para bancarrota da Internacional Socialista, para a sua incapacidade de fazer frente à guerra imperialista precisava ser localizada no surgimento e desenvolvimento do oportunismo, que, a rigor, existia desde os primórdios do SPD e depois da IS. Lenin não aborda essa questão, mas, sem dúvida, o lassallismo foi uma vertente que sempre foi muito influente e que se somou a outras correntes de estirpe social reformista. O oportunismo (reformismo) ganhou força na fase da legalidade e impôs a ideia e a prática da colaboração entre as classes. Diz Lenin:

O oportunismo é o sacrifício dos interesses vitais das massas em troca dos interesses momentâneos de uma minoria insignificantes de operários ou, dito em outros termos, a aliança de uma parte dos operários e a burguesia contra a massa proletária. (LENIN, 1976c, p. 257).

Essa vertente do movimento operário era forte exatamente pela quantidade de recursos aos quais tinha a acesso por conta de sua aliança com a burguesia. Lenin não considera, porém, outro elemento explicativo de importância, qual seja, que o grupo dirigente oportunista / reformista era mesmo expressão das bases sindicais e partidárias. Ao fim das contas – e sempre considerando o caso alemão – desde 1875 até 1914, o marxismo revolucionário era corrente minoritária no movimento operário, ainda que com prestígio e capacidade de ditar um coerente discurso ideológico.

De todo modo foi a corrente oportunista que se fez a corrente socialchovinista e social imperialista com a eclosão da guerra. Para Lenin,

Defender e consolidar a sua privilegiada situação de “camada superior” da pequena burguesia ou da aristocracia (e da burocracia) da classe operária: está aqui a continuação natural, durante a guerra, das esperanças oportunistas pequeno burguesas e da tática que daí se depreende; está aqui a base econômica do social imperialismo de nossos dias. (LENIN, 1976c, p. 257).

Em suma,

A base econômica do oportunismo e do chovinismo no movimento operário é sempre a mesma: a aliança de reduzidas camadas superiores do proletariado e da pequena burguesia – que aproveitam as migalhas dos privilégios de “seu” capital nacional – contra as massas proletárias, contra as massas trabalhadoras e oprimidas em geral. (LENIN, 1976c, p. 259).

A implicação lógica dessas considerações indica a necessidade da cisão orgânica do movimento operário. A aristocracia operária, a burocracia sindical e partidária criaram interesses próprios que as aproxima do interesse da burguesia e da pequena burguesia, de modo a aderir à ideologia nacionalista e imperialista sem maiores problemas. Com tal situação às massas proletárias toca a criação de um novo instrumento de ação política, um novo partido revolucionário adequado à situação reinante de conflito militar e preparado para desencadear a guerra civil contra a burguesia e desenvolver a revolução socialista internacional.

### 3 ZIMMERWALD

Às vésperas da conferência que se realizaria em Zimmerwald, Lenin escreveu um documento de título *O socialismo e a guerra*, que expressava a posição dos bolcheviques frente a essa questão. Chama a atenção para a necessidade de se definir a particularidade da guerra em andamento, dado que esse problema não tinha resposta consensual, até longe disso. Para Lenin a guerra não era uma guerra nacional, a não ser talvez para a Sérvia. Tratava-se de fato, no seu conjunto, de uma guerra imperialista. A guerra indicava como

O capitalismo, progressivo em outros tempos, é hoje reacionário e desenvolveu as forças produtivas a tal ponto que a humanidade se encontra hoje diante do dilema de passar ao socialismo ou de padecer durante anos, talvez decênios, a luta armada entre as “grandes” potências pela conservação artificial do capitalismo mediante as colônias, os monopólios, os privilégios e a opressão nacional de todo gênero. (LENIN, 1976d, t. V, p. 288).

A corrente oportunista do movimento operário ao identificar a guerra como de defesa nacional e eventualmente progressiva do ponto de vista burguês, justifica a sua adesão à guerra em apoio às burguesias nacionais e se coloca a Internacional em estado de letargia. A compreensão do caráter da guerra como imperialista exige que se ponha na ordem do dia a revolução socialista internacional e se reordene a Internacional em termos completamente diferentes.

A orientação política de Lenin é bastante clara e acentua a necessidade de se agrupar todas as correntes marxistas internacionalistas presentes em quase todos os países conflagrados, com destaque para a Alemanha, em firme oposição ao socialchovinismo e ao “centrismo”, que ainda entendia poder restaurar a Internacional Socialista. Assim seria composta, na luta, uma nova Internacional dedicada à guerra civil revolucionária contra o imperialismo.

Lenin procura localizar os grupos que se opõe à guerra e pugnam pela revolução, mas nota que ainda são pouco numerosos, mas com grande possibilidade de crescimento desde que tenham uma posição política e ideológica muito clara. Entre os dias 5 e 8 de setembro de 1915, em Zimmerwald, na Suíça, tem lugar um reunião de alguns desses grupos opositores. O Manifesto de Basileia era o ponto de referencia de todos esses que se opunham a guerra e a política do oportunismo. Precedida por conferências de jovens e de mulheres, a conferência política de Zimmerwald foi organizada pelo suíço Robert Grimm e pelo russo Martov (que não era bolchevique).

Foram 38 delegados de 11 países, mas apenas os partidos da Itália, Rússia, Letônia, Polônia, Romênia e Bulgária se fizeram representar oficialmente. O Manifesto do encontro sugere a falta de definição teórica e prática, pois a crítica a guerra e ao imperialismo se limita a exortação pela paz sem anexações e pela autodeterminação dos povos. Apenas uma minoria de seis delegados subscreveu outro documento que invocava a necessidade da luta contra a guerra e a denuncia do oportunismo. Entre esses seis delegados estavam Lenin, Zinoviev e Radek, enquanto Trotsky e Martov assinaram o documento majoritário (REBERIOUX, 1974, v. 2, p. 739-741).

Antes de finalizar o ano de 1915, Lenin ainda escreveu outro texto que procurava mostrar como os socialchovinistas e também os centristas

havam traído as decisões coletivas tomadas em encontros da Internacional. Ao difundido argumento oportunista de que não havia condições para a que uma ação revolucionária fosse entabulada, Lenin retruca que as revoluções “são precedidas de por um processo de efervescência, crises, movimentos e comoções de começo da revolução, com a particularidade que esse processo nem sempre se desenvolve até o fim (por exemplo, se a classe revolucionária é débil).” (LENIN, 1976e, t. 5, p. 346).

Arrematava Lenin nessa ocasião que

apoio, desenvolvimento, ampliação, confluência das ações revolucionárias das massas e do movimento revolucionário. Criação de uma organização clandestina para fazer propaganda e agitação com esse fim, para ajudar as massas a compreender o movimento, suas tarefas seus meios e seus fins. A esses dois pontos se reduz toda a tarefa de ação prática da socialdemocracia nessa guerra. (LENIN, 1976e, t. 5, p. 348).

Ainda que a posição dos bolcheviques fosse ainda muito minoritária, depois de Zimmerwald conseguiu alguma difusão. Os oportunistas / socialchovinistas tentaram criar obstáculos à realização de outra reunião desse tipo, mas fracassaram diante da realização, entre 24 e 30 de abril de 1916, da conferência de Kienthal, quando se reuniram 44 delegados. Os efeitos sociais e políticos da guerra previstos por Lenin começavam a se aguçar, com o espocar de algumas greves importantes e o deslocamento à esquerda de parte do movimento socialista. A conferência expressou essa situação e a esquerda, que alçava a posição defendida por Lenin desde o começo da guerra, conseguiu 19 votos na discussão do documento final (REBERIOUX, 1974, v. 2, p. 742-743).

Na disputa científica e ideológica que travava, para Lenin era da maior importância a demonstração de que o imperialismo (fase contemporânea do capitalismo), que conseguira acoplar determinada camada do proletariado à sua base social era o inimigo a ser batido. Demonstrar que qualquer aliança ou proximidade em relação aos oportunistas de todos os matizes era uma ação equivocada e contrária aos interesses da revolução proletária. Dizia então no artigo *O imperialismo e a cisão do socialismo* que “a burguesia de uma grande potencia imperialista tem capacidade econô-

mica para subornar as camadas superiores de seus operários [...]” (LENIN, 1976f, t. VI, p. 136).

Os esforços vindos de várias direções para reestabelecer as relações internacionais entre os socialistas ganharam impulso em 1917, em particular depois de março com a vitória da revolução democrática na Rússia. Esses esforços, no entanto, desnudaram ainda mais o estado de fragmentação em que se encontrava o movimento socialista. Muito empenho e muito tempo foi gasto para a realização de uma conferencia mais ampla em Estocolmo, mas as diferenças se mostraram grandes demais e o encontro – sucessivamente postergado – acabou por não se realizar (REBERIOUX, 1974, p. 750-753).

Desde o começo desse ano, Lenin já indicava que o movimento zimmerwaldiniano estava comprometido pela falta de uma orientação política nítida. Não era possível manter ainda ilusões a respeito das posições de Kautsky e Martov, por ex. Também as duas vertentes do movimento estavam por se separar:

O futuro imediato nos indicará qual será o curso dos acontecimentos na Europa, em particular a luta entre o pacifismo reformista e o marxismo revolucionário, incluindo a luta entre os dois setores zimmerwaldinianos. (LENIN, 1976g, t. VI, p. 166).

Os acontecimentos se precipitaram efetivamente com a eclosão revolucionária na Rússia. Agora a revolução democrática burguesa russa poderia se o início da revolução socialista internacional, o que tornava mais premente ainda que a classe operária russa assumisse o poder e que se aliasse ao proletariado alemão. Dizia Lenin então no seu discurso de despedida da Suíça rumo a Petrogrado:

As condições objetivas da guerra imperialista são a garantia de que a revolução não se limitará à primeira etapa da revolução russa, de que a revolução não se limitará à Rússia. O proletariado alemão é o aliado mais fiel e mais seguro da revolução proletária russa e mundial. (LENIN, 1976h, p. 250).

Chegado à Rússia, Lenin apresentou à direção bolchevique um documento que definia *As tarefas do proletariado na nossa revolução*. Nesse documento, além de propor que o proletariado derrubasse o poder bur-

guês e forjasse um Estado-comuna através dos soviets, retoma ainda uma vez o problema das relações internacionais do proletariado. Lembra como a Internacional Socialista se cindiu entre uma maioria socialchovinista, um centro que defendia a unidade do movimento e aluta pela Paz, e a esquerda de Zimmerwald, onde se encontravam Lenin e os bolcheviques, os quais defendiam a revolução socialista internacional. Em resumo, “seu principal traço característico é: a ruptura completa com o socialchovinismo e com o “centro”, a abnegada luta revolucionária contra o governo imperialista próprio e contra a burguesia imperialista própria” (LENIN, 1976i, p. 301).

Nesse documento, Lenin faz a invocação explícita, declarada urgente, pela fundação de uma nova Internacional:

Estamos obrigados, precisamente nós, e agora mesmo, sem perda de tempo, a fundar uma nova Internacional revolucionária, proletária; melhor dito, devemos reconhecer sem temor, abertamente, que essa Internacional já foi fundada e atua. (LENIN, 1976i, p. 306).

Mesmo que fossem pouco numerosos e ainda em fase de organização, para Lenin era indispensável uma coligação internacional do proletariado para travar batalha pela revolução socialista. A necessidade da cisão era enfatizada mais que nunca, pois a necessidade de novos partidos revolucionários que formassem a III Internacional era impostergável. No entanto, essa invocação encontrou restrições mesmo entre os bolcheviques e o andamento da revolução russa deixou essa questão momentaneamente em segundo plano, ainda que Lenin tenha muito bem lembrado, em 7 de novembro de 1917, quando os bolcheviques assumiam o poder, que aquele era o momento inicial da revolução socialista mundial.

#### **4 CISÃO DO MOVIMENTO OPERÁRIO E FUNDAÇÃO DA INTERNACIONAL COMUNISTA**

Com a necessidade premente de defesa da revolução na Rússia e de difusão da revolução para a Alemanha, em primeiro lugar, a organização da esquerda marxista ficou ainda mais importante. Em janeiro de 1919, *na Carta aos operários da América e da Europa*, Lenin anunciava que a posição de isolamento dos bolcheviques na defesa da necessidade da fundação de novos

partidos e de uma nova Internacional havia sido finalmente rompida e que o movimento operário se organizava na forma de soviets também em outros Países, mas sempre com o destaque ficando com a Alemanha e o recém fundado KPD – Partido Comunista da Alemanha (LENIN, 1976j, t. IX).

Enfim, entre 2 e 6 de março de 1919, se desenvolve o Congresso de fundação da Internacional Comunista, objetivo pelo qual Lenin lutava desde o início da guerra e a bancarrota da Internacional Socialista, no verão de 1914. O encontro se desenrolou tentando demarcar a cisão teórica e organizativa com a direita socialdemocrata, que havia se reunido em fevereiro (KRIEGEL, 1978, p. 81-93). O ponto mais importante dessa cisão foi enunciado na crucial diferença na compreensão da questão da democracia. Para os reformistas o problema se reduzia à defesa e aperfeiçoamento das instituições da república democrática liberal burguesa, a qual, em tese, possibilitaria a progressão da classe operária em termos de condições de vida e de direitos, até mesmo o acesso ao governo do Estado. Para o movimento comunista, que agora se fundava, essencial era a desorganização do Estado burguês a sua substituição por outra forma de democracia, a ditadura democrática do proletariado organizada sobre a base de conselhos.

Com efeito,

[...] a ditadura do proletariado não só deve acarretar inevitavelmente uma mudança das formas e instituições da democracia, falando em geral, mas precisamente uma mudança que ofereça uma extensão ainda não vista no mundo no gozo efetivo da democracia pelos homens que o capitalismo oprimia, pelas classes trabalhadoras. (LENIN, 1976k, t. IX, p. 217).

Desde o começo de 1918 a Rússia teve já que enfrentar o levante reacionário da nobreza feudal e da burguesia, que contou com apoio político e militar do imperialismo, além dos próprios mencheviques e socialistas revolucionários, os quais havia antes composto o governo provisório junto com a representação burguesa. A situação de guerra civil e de intervenção imperialista dificultaram sobremaneira a correspondência e os contatos internacionais, tão necessários à organização da nova Internacional. Lenin e os bolcheviques fizeram o possível para furar o bloqueio e tentar acompanhar os acontecimentos no seio do movimento operário da Europa, que as-

sistia o empenho de reorganização da Internacional Socialista, assim como também se agrupavam os simpatizantes da revolução dos soviets.

A clareza teórica e o empenho prático eram pontos decisivos para a consolidação da cisão do movimento operário que a organização da Internacional Comunista implicava. Dai a insistência de Lenin na demarcação da diferença fundamental entre a IC e a Internacional Socialista que se empenhava na reorganização.

As discrepâncias mais profundas, mais fundamentais, que resumem o que foi dito e explicam a inevitabilidade da lua teórica implacável no plano teórico e político-prático do proletariado revolucionário contra a Internacional de Berna, dizem respeito aos problemas da transformação da guerra imperialista em guerra civil e da ditadura do proletariado. (LENIN, 1976l, t. X, p. 93).

Na medida em que a contra revolução armada recuava e os grupos comunistas se organizavam na Europa e também na Ásia a situação parecia melhorar. Em fins de 1919, Lenin participou do importante Congresso de representantes dos povos do Oriente. Exortou então a organização dos comunistas e destacou a importância do campesinato na luta revolucionária contra o imperialismo internacional, o que significava cravar a importância da aliança operária e camponesa a nível mundial. Nesse cenário, todavia, as manifestações de nacionalismo burguês poderiam ser bem vistas, na medida em que se opunham ao colonialismo e ao “feudalismo”.

Diz então que

Por si mesmo se compreende que o proletariado de todos os países avançados do mundo só pode vencer – e nós, os russos começamos a obra que consolidará o proletariado inglês, francês ou alemão; mas vemos que eles não vencerão sem a ajuda das massas trabalhadoras de todos os povos coloniais oprimidos e, em primeiro lugar, dos povos do Oriente. (LENIN, 1976m, t. X, p. 218).

A circulação de informações continuava a ser bastante limitada, mas as palavras “bolchevique” e “soviet” haviam se difundido pela Europa e boa parte do mundo. Frente à crise do socialismo e do anarquismo, a nova vertente política (e cultural) do movimento operário que se agrupava

em torno da Rússia dos soviets ganhava contornos, ainda que em meio a fortes contradições. Por ocasião do primeiro aniversário da IC, Lenin se mostrou cauteloso, mas otimista quanto aos rumos da nova organização. Insistia particularmente na necessidade da cisão e na demarcação de posição frente ao social reformismo na Europa. Dizia que

A Europa caminha para a revolução de maneira distinta da maneira que fizemos nós, mas, na essência, está passando pela mesma situação. Cada país deve levar a sua maneira e começou já a levar a luta interna contra os próprios “mencheviques”, contra o oportunismo e contras os próprios “esseristas”, que existem com outros nomes e maior ou menor grau em todos os países. (LENIN, 1976n, t. X, p. 431).

O II Congresso da IC se realizou em Moscou entre os dias 19 de julho e 7 de agosto de 1920. Era o momento de consolidar a IC e de constatar que a onda revolucionária na Europa começava já a refluir, enquanto na Rússia a guerra civil se desenvolvia em modo favorável aos bolcheviques. Apenas a ofensiva do exército vermelho na Polônia deu uma nova esperança, mas muito momentânea, considerando que o caminho da revolução foi sustado em Varsóvia.

Das principais preocupações do congresso -- expressas por Lenin -- foram a reafirmação dos princípios que orientaram a fundação da nova organização, em termos de teoria e ação política. A vertente social reformista mostrava ainda grande vitalidade na Europa e já nos estudos sobre o imperialismo, Lenin havia mostrado como a burguesia fazia concessões a setores do movimento operário por conta do apoio à expansão nacional imperialista, o que tornava o processo revolucionário de grande complexidade. Assim, grande importância foi dada a problemas que diziam respeito à Europa imperialista, mas que eram decisivos no contexto da periferia colonial, agrária e pré-capitalista, tais como a questão nacional, a questão agrária, em particular no mundo colonizado pelo imperialismo. Era a primeira vez que se refletia sobre essas questões de um ponto de vista radicalmente anti-imperialista e anticapitalista, tendo Lenin participado exatamente da comissão que estudou o problema agrário e nacional.

Caberia aos comunistas lutar contra a democracia burguesa enquanto forma de dominação burguesa e imperialista, assim como analisar

a questão nacional de forma concreta. Antes de tudo, dever-se-ia observar a contraposição entre nações opressoras e nações oprimidas. As nações opressoras seriam muito poucas, segundo observava Lenin, e eram fundamentalmente os vitoriosos da guerra imperialista: Inglaterra, França, EUA, Japão. As nações oprimidas eram as derrotadas na guerra: Alemanha, a desintegrada Áustria-Hungria, a Turquia. No entanto, a maior parte das nações oprimidas eram aquelas submetidas a situação de colônias ou a diversos graus de dependência frente ao imperialismo e que era a maioria da população do globo. Essa situação, consolidada com o Tratado de Versalhes, deveria intensificar

a luta revolucionária, tanto do proletariado dos países avançados como de todas as massas trabalhadoras das colônias e dos países dependentes, e acelerando o desvanecimento das ilusões nacionais pequeno-burguesas sobre a possibilidade da convivência pacífica e a igualdade das nações sob o capitalismo (LENIN, t. XI, p. 121).

A tarefa da IC seria, portanto, “aproximar os proletários e as massas trabalhadoras de todas as nações e de todos os países para a luta revolucionária conjunta para a derrubada dos latifundiários e da burguesia” (LENIN, t. XI, p. 121).

Para Lenin entrava na ordem do dia o estabelecimento da ditadura do proletariado em todo o mundo. Certo que o processo revolucionário seguiria as condições concretas, a particularidade, de cada país ou região. Por suposto que a revolução em Países industrializados seria muito diferente daquelas realizadas em países da zona colonial.

Lenin também sugeria que as nações que realizassem a revolução viessem a se agrupar em federações. Em todas as situações, porém, a solidariedade com as nações que houvessem já instaurado a ditadura proletária na base de conselhos seria prioritária, com a Rússia antes de tudo.

Em 1917, Lenin avaliava serem os conselhos uma forma organizativa particular da Rússia, mas agora pensava ser essa a forma da ditadura proletária em toda a parte. Certo que na Alemanha seria algo diferente da Índia, por ex, mas sempre na base de conselhos de trabalhadores. Alguns elementos de novidade se apresentaram na exposição de Lenin, como o

vínculo entre o problema das nações oprimidas e o papel revolucionário do campesinato.

A rigor, a questão nacional e a questão agrária são problemas postos à revolução democrática burguesa, mas apenas em casos excepcionais a burguesia desempenharia um papel revolucionário. Até por isso o Congresso ao fim das contas resolveu nomear o movimento anticolonial de nacional revolucionário. De fato,

A burguesia imperialista tenta por todos os meios que o movimento reformista se desenvolva também entre os povos oprimidos. Entre a burguesia dos povos exploradores e a das colônias produziu-se uma aproximação, devido a qual muito a miúdo – e quem sabe na maioria dos casos – a burguesia dos países oprimidos, pese o seu apoio aos movimentos nacionais, luta ao mesmo tempo de acordo com a burguesia imperialista, a dizer, ao lado dela, contra todos os movimentos revolucionários e as classes revolucionárias. (LENIN, t. XI, p. 194).

Nessas condições torna-se possível mesmo pensar em se fazer uma revolução social tendo por base os conselhos de camponeses com um projeto que contorne a desenvolvimento capitalista, sempre que se possa contar com a colaboração de outros povos mais avançados que já fizeram a sua revolução. Desse modo, “é errôneo supor que a fase capitalista de desenvolvimento seja inevitável para os povos atrasados” (LENIN, t. XI, p. 196).

## 5 A FRENTE ÚNICA

Em março de 1921 era já patente a mudança de conjuntura. A vitória do exército vermelho sobre as tropas imperialistas invasoras e sobre os restos do exército imperial russo possibilitou que as desgastadas energias da Rússia revolucionária se voltassem para o trabalho de reconstrução do País, guiado sempre pelo projeto socialista. Com o objetivo de recompor a aliança operário-camponesa, esgarçada no momento da guerra civil, aumentar a produtividade da agricultura e garantir a industrialização. Lenin propôs ao Partido a implantação de uma orientação que ficaria depois conhecida como NEP – Nova Política Econômica.

A substância da NEP era a construção de um capitalismo de Estado com controle do poder soviético. As relações com o campesinato

seriam modificadas a fim de garantir a sua contribuição econômica assim como o seu respaldo político ao Estado. Do campesinato seria cobrado um imposto em espécie (o trigo, em particular), seria garantido o montante para o plantio e para o resgate e expansão da pequena indústria, ficando o resto disponível para o comércio. Os camponeses teriam também, em troca do imposto, acesso a produtos industriais. Lenin reconhece que “o desenvolvimento da pequena agricultura é um desenvolvimento pequeno burguês, um desenvolvimento capitalista, já que existe intercâmbio; [...]” (LENIN, 1976q, p. 81). No entanto essa situação seria um grande avanço frente às condições de parte do campesinato submetido ao patriarcado, que ainda subsistia na Rússia.

O outro pilar da NEP seria a concessão em forma de arrendamento ao capital externo de minas, bosques, poços de petróleo, por ex. Com isso se contava com poder incorporar conhecimento técnico e administrativo, que seria utilizado no desenvolvimento da indústria estatal socializada. A chave do problema era canalizar o desenvolvimento para o leito do capitalismo de Estado. O argumento de Lenin era persuasivo:

Implantando o capitalismo de Estado na forma de concessões, o poder soviético reforça a grande produção contra a pequena, a produção avançada contra a atrasada, a produção com máquinas contra a produção manual, aumentando assim a quantidade de artigos da grande indústria reunidos em suas mãos (por meio dos cânones de concessão) e intensificando as relações econômicas reguladas pelo Estado para contrastar as anárquicas relações pequeno burguesas. (LENIN, 1976q, p. 84).

Mesmo assim, a luta de classes na Rússia se aguçava, porquanto a burguesia e os representantes do reformismo no exílio continuavam a estar objetivamente aliada à burguesia imperialista, força antagônica do poder soviético. Daí a necessidade da política da IC dever se coordenar com a perspectiva da NEP, ou seja, partir do reconhecimento de que a fase revolucionária havia se concluído ou, em hipótese mais factível, se dar conta de que o processo revolucionário havia sido bloqueado por algum tempo.

Quando da realização do III congresso da IC, entre 22 de junho e 12 de julho de 1921, era já notório que os partidos comunistas recém-fundados não haviam atraído a maioria do movimento operário europeu,

o qual persistia com forte influência reformista. Assim, a necessidade imperativa era aquela de disputar a hegemonia no seio da classe operária. Era preciso ainda mostrar à classe operária que era o reformismo o pilar principal da dominação burguesa. Para Lenin, a situação era de equilíbrio de forças, mas acontece que a derrota da revolução socialista era já um fato inequívoco diante da ofensiva do capital, embora não se reconhecesse a situação.

Enquanto que na Rússia a estratégia da NEP ou do capitalismo de Estado se impunha não sem grandes dificuldades e com a condição de que a aliança operário-camponesa se aprofundasse e estabilizasse, na Europa havia séria disputa pela orientação política a ser seguida e que estava nucleada na Alemanha. A linha de direita do partido comunista da Alemanha havia desde janeiro de 1921, em uma Carta aberta, proposto a aproximação de todos os partidos operários e sindicatos na luta comum para resistir à ofensiva do capital em crise, tendo sido essa a origem da tática que depois seria chamada de frente única.

O grupo mais à esquerda entendia que se deveria persistir naquilo que veio a se chamar de “teoria da ofensiva”, a qual implicava entender que a situação revolucionária era contínua e que qualquer aproximação com o reformismo era indesejável. Essa posição teve bastante sustentação nos debates do III Congresso da IC, pois as feridas da cisão com os reformistas continuavam abertas e não era fácil empreender conversações. A indefinição dentro do comunismo alemão possibilitou o fracassado levante operário de março, ação guiada pela convicção na teoria da ofensiva.

A intervenção de Lenin no Congresso foi sobre a tática do partido comunista da Rússia, mas agiu intensamente para mostrar que aquela teoria da ofensiva era um equívoco muito perigoso naquela conjuntura. Lenin sugeria ser “agora indispensável preparar a fundo a revolução e estudar profundamente seu desenvolvimento concreto nos países capitalistas mais adiantados” (LENIN, 1976r, t. XII, p. 132).

Não havia mais quaisquer dúvidas de que o social reformismo era um sustentáculo decisivo da dominação burguesa e um anteparo a influência dos comunistas. Dai a dificuldade da luta pela conquista da maioria da classe operária, a qual exigiria uma batalha política e cultural de grande relevo e que decerto tomaria certo tempo. Lenin destaca todavia a impor-

tância que se prevê da ação das imensas massas subjugadas pelo colonialismo, que poderão corroer o consenso interno de que gozam as burguesias imperialistas. Essa orientação política foi vitoriosa no III congresso da IC, mas levou algum tempo para se impor, até que restasse apenas o partido comunista da Itália em posição contrária.

O IV Congresso da IC se realizou em dezembro de 1922 em ambiente bem mais tranquilo quanto à linha a ser seguida, tendo ocorrido mesmo um aprofundamento sobre a tática da frente única. Discutiu-se bastante sobre as formas de aproximação da ditadura do proletariado através de diferentes expressões de governo operário surgidos do avanço da frente única (HAJEK, 1975).

Esse congresso foi o último a contar com a participação de Lenin, que já se encontrava adoentado. Fez apenas uma breve exposição sobre os cinco anos da revolução russa. Aproveitou mais uma vez para falar da NEP e do capitalismo de Estado, mas pouco falou da situação internacional. O convite a todos para que estudassem a experiência russa, assim como os métodos de organização e de trabalho revolucionário, se sobressaiu nessa fala (LENIN, 1976s, t. XII).

Em outubro de 1923, na Alemanha aconteceu o fracasso de um intento revolucionário, o que custou o consenso duramente conquistado para a tática da frente única. Ao mesmo tempo, tal a destacar a conexão entre a NEP e a política de frente única, a política definida por Lenin começa a ser contestada na URSS. Trotsky, que fora um grande defensor da NEP e da política de frente única em 1921, agora avalia que ambas estariam esgotadas e dá início à luta interna pela sucessão de Lenin, cuja morte ocorreu em janeiro de 1924.

## REFERÊNCIAS

### A) DE APOIO

GRUPPI, L. *Il pensiero de Lenin*. Roma: Riuniti, 1970.

HAJEK, M. *Storia dell'Internazionale Comunista (1921-1935)*. Roma: Riuniti, 1975.

HAUPT, G. *L'Internazionale Socialista dalla Comuna a Lenin*. Torino: Einaudi, 1978.

KRIEGEL, A. *La Terza Internazionale*. In: DROZ, Jacques (a cura di). *Storia del Socialismo dal 1918 a 1845*. Roma: Riuniti, 1978. t. 3, p. 81-135.

REBERIOUX, M. Il socialismo e la Prima Guerra Mondiale. In: DROZ, Jacques (a cura di). *Storia del socialismo dal 1875 al 1918*. Roma: Riuniti, 1974. v. 2, p. 700-771.

REBERIOUX, M. Il dibattito sulla guerra. In: HOBSBAWN, Eric (a cura di). *Storia del marxismo: il marxismo nell'età della Seconda Internazionale*. Torino: Einaudi, 1979. t. 2, p. 897-933.

## **B) DE LENIN**

LENIN, V. A guerra y la socialdemocracia de Rusia. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976a. t. V.

LENIN, V. Chovinismo muerto y socialismo vivo: como reconstituir la Internacional In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976b.

LENIN, V. La bancarrota de la II Internacional. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976c.

LENIN, V. El socialismo y la guerra. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976d.

LENIN, V. O oportunismo y a bancarrota de la II Internacional In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976e.

LENIN, V. El imperialismo y la escisión del socialismo. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976f. t. VI.

LENIN, V. Zimmerwald en la encrucijada. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976g.

LENIN, V. Carta de despedida a los obreros suizos. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976h.

LENIN, V. Las tareas del proletariado em nuestra revolución. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976i. t. VI.

LENIN, V. Carta a los obreros de América y Europa. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976j. t. IX.

LENIN, V. I Congreso de la Internacional Comunista. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976k. t. IX.

LENIN, V. Las tareas de la III Internacional. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976l. t. X.

LENIN, V. Informe en el II Congreso de toda Rusia de las organizaciones comunistas de los pueblos del Oriente. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976m. t. X.

LENIN, V. Discurso pronunciado en la sesión solemne del soviet de Moscú em 6 de marzo de 1920. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976n. t. X.

LENIN, V. Tesis para el II Congreso de la Internacional Comunista. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976o. t. XI.

LENIN, V. Informe de la comisión para los problemas nacional y colonial, 26 de julio. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976p. t. XI.

LENIN, V. Sobre el impuesto en especie. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976q. t. XII.

LENIN, V. Informe sobre la táctica del PC de Rusia. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976r. t. XII.

LENIN, V. Cinco años de la revolución rusa y perspectivas de la revolución mundial. In: \_\_\_\_\_. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, 1976s. t. XII.